

## QUANDO SOU BRASILEIRO NO JAPÃO: IDENTIDADE NACIONAL DOS *DEKASSEGUIS*

Mônica Saemi Okabe <sup>1</sup>

### RESUMO

A imigração japonesa ao Brasil completou 110 anos este ano. Os imigrantes e seus descendentes participam da sociedade brasileira como nas universidades, artes plásticas, na política e em diversos setores do país. Entretanto, é muito comum um descendente de japonês ser perguntado se é mesmo brasileiro, tendo em vista que eles são denominados frequentemente como japoneses. Se no Brasil, os *dekassegui* (descendente de japonês que sai do Brasil para trabalhar no Japão) se sentiam ou eram vistos pela sociedade brasileira como japoneses por suas características fenotípicas, quando chegavam ao Japão eram e são vistos como estrangeiros e brasileiros pelos japoneses. Eles, os *dekasseguis*, também percebem essas diferenças e, no processo de interação entre os grupos, constituem e mantêm uma “identidade brasileira” quando estão no Japão. Para compreender o processo de construção identitária dos *dekasseguis*, é necessário entender as específicas políticas de migração que as envolvem, a relação que o grupo mantém com o “outro” (no caso o japonês), a percepção e construção da diferença e da coesão interna, visto que seus membros se pensam como “iguais” em relação aos outros vistos como “diferentes”. Assim, este trabalho consiste numa revisão bibliográfica de textos dessa temática sobre o *dekasseguis*, seguido de uma análise e discussão de cunho antropológico sobre a construção da identidade nacional/brasileira deles.

**Palavras-chave:** Dekasseguis, Identidade nacional, Processo indentitário, Migração Brasil/Japão.

### INTRODUÇÃO

Na década de 1980 o Brasil vivenciou uma das maiores crises (social, política e econômica) que contribuiu para a migração de brasileiros para o exterior. Entre esses migrantes, os descendentes de japoneses que foram ao Japão. São os chamados *dekasseguis* <sup>2</sup> (termo em língua japonesa) e essa migração ficou conhecida como “movimento *dekassegui*” ou “fenômeno *dekassegui*” <sup>3</sup> (SASAKI, 2006).

Segundo Beltrão e Sugahara (2006), no Brasil o termo *dekassegui* é utilizado para identificar os descendentes de japoneses ou *nikkeis*<sup>4</sup> - conhecidos também como nipo-brasileiros<sup>5</sup> que vão trabalhar no Japão. Com a Lei de Imigração do Japão em 1990, a migração

<sup>1</sup> Psicóloga (Cesmac – AL), pós- graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Arteterapeuta em formação (Cintep – PB) [msokabel@gmail.com](mailto:msokabel@gmail.com)

<sup>2</sup> Termo designado a pessoa que sai da sua terra natal para trabalhar temporariamente em outra região.

<sup>3</sup> Os autores como: Sasaki (1998), Oliveira, A. (1997), Castro (1994), Beltrão e Sugahara (2006), utilizam um desses termos para conceitualizar a migração dos nipo-brasileiros ao Japão com o objetivo de procurar trabalho.

<sup>4</sup> Todos os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

<sup>5</sup> Termo usado com bastante frequência entre os estudiosos que se debruçaram sobre o assunto que envolve a população dos descendentes de japoneses que migraram para o Brasil. (OLIVEIRA, A., 1997).

de brasileiros se massificou. Com essa lei os descendentes até a terceira geração e seus cônjuges podiam trabalhar legalmente no Japão substituindo os imigrantes trabalhadores ilegais. A partir desse período, famílias inteiras começaram a migrar para o Japão e, se no início da migração a permanência era temporária, posteriormente elas começaram a prolongar suas estadias, o que foi verificado pelo aumento de expedição de vistos permanentes desses migrantes.

Se no Brasil, os *dekasseguis* se sentiam ou eram vistos pela sociedade brasileira como japoneses por suas características fenotípicas, quando chegavam ao Japão eram e são vistos como estrangeiros e brasileiros pelos japoneses, por terem traços culturais diferentes. Segundo Oliveira (1997) e Lask (2000) os *dekasseguis* também percebem essas diferenças e, no processo de interação entre os grupos, constituem e mantêm uma “identidade brasileira”.

Para compreender o processo de construção identitária dos *dekasseguis*, é necessário entender as específicas políticas de migração que as envolvem, a relação que o grupo mantém com o “outro” (no caso o japonês), a percepção e construção da diferença e da coesão interna, visto que seus membros se pensam como “iguais” em relação aos outros vistos como “diferentes”. Apesar das diferenças internas a cada grupo, algo em comum precisa ser enfatizado para que se torne o elemento aglutinador e diacrítico.

Este trabalho consiste numa revisão bibliográfica de textos dessa temática sobre os *dekasseguis* seguido de uma análise e discussão de cunho antropológico sobre a construção da identidade nacional/brasileira dos *dekasseguis*.

## **METODOLOGIA**

Foram analisados 16 artigos, dissertações e livros de autores pertencentes a diferentes áreas de conhecimento. Não há ainda uma extensa produção sobre os *dekasseguis* que voltaram ao Japão, pois esta migração é recente, mas o material encontrado e analisado traz uma reflexão sobre dados importantes para a compreensão deste fenômeno social e cultural, fazendo surgir questões significativas para aprofundar e ampliar a medida que esse fluxo de migração Brasil/Japão continua nos dias atuais.

Especifica-se a seguir os autores e as áreas de conhecimentos às quais pertencem.

Tabela 1 – Autores e áreas de conhecimento das referências utilizadas para fonte etnográfica.

Autores	Área de conhecimento	Comentários
Angelo Ishi	Sociologia	Reside no Japão e seus estudos estão voltados à comunidade brasileira no Japão.
Lili Kawamura	Sociologia	Estudos tanto com os brasileiros que residem no Japão quanto com aqueles que retornaram ao Brasil.
Ana Nakamoto	Sociologia	Dissertação de mestrado sobre os retornados do Japão com foco nas mulheres.
Adriana Oliveira	Sociologia	Dissertação de mestrado sobre os retornados do Japão.
Elisa Sasaki	Sociologia	Dissertação de mestrado e artigos sobre os retornados do Japão.
Kaizô Beltrão e Sonoe Sugahara	Geografia	Pesquisadores do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Ester Rosini	Geografia	Artigo sobre os brasileiros que residem no Japão.
CEHOAIJB- Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil.	História	Livro de comemoração dos 80 anos da imigração japonesa ao Brasil titulado de “Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil”, elaborado pela Sociedade Brasileira de cultura japonesa.
Jhony Arai e Cesar Hirasaki	História	Livro “100 anos de imigração japonesa no Brasil” publicado pelo Bunkyo – Sociedade brasileira de cultura japonesa e de assistência social.
Masao Daigo	História	Livro “Pequena historia da imigração japonesa no Brasil”
Masato Ninomiya	História	Capítulo do livro “Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil” pelo IBGE.
Cecilia Ishitani e Mauricio Toba	História	Livro de comemoração dos 100 anos de imigração japonesa ao Brasil: “Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira”, publicado pela Fundação Alexandre de Gusmão e elaborado por diplomatas nipo-brasileiros.
Marco Castro	Antropologia	Artigo sobre a migração de brasileiros para o Japão.
Ellen Woortmann	Antropologia	Estudou a colônia japonesa em Brasília e os retornados do Japão.
Tonke Laske	Antropologia	Pesquisou os brasileiros que vivem no Japão.
André Soares e Graziela Motta	Antropologia	Artigo sobre a identidade <i>dekasegui</i> com olhar antropológico.

Para tecer algumas considerações e reflexões sobre esse fenômeno social do fluxo migratório entre Brasil e Japão e compreender a(s) identidade(s) dos dekasseguis foram utilizadas as teorias de Benedict Anderson (2008), Fredrik Barth (2005; 2011), Ulf Hannerz (1997) e Roberto Cardoso de Oliveira (1976; 2000).

## DESENVOLVIMENTO

Após mais de 100 anos da imigração japonesa ao Brasil, os imigrantes e seus descendentes participam da sociedade brasileira. Podem ser vistos nas universidades, artes plásticas, na política do Brasil (ARAI & HIRASAKI, 2008). Entretanto, é muito comum um descendente de japonês ser perguntado se é mesmo brasileiro. Os nipo-brasileiros são denominados frequentemente como japoneses, mesmo que o grau geracional seja distante ou que tenha um dos pais não descendentes de japonês e/ou não tendo aproximação alguma com a cultura japonesa. Mas, por carregarem traços físicos, fenótipos atribuídos aos japoneses, são identificados como tais (OLIVEIRA, 1997).

Essa diferenciação dos japoneses e a não constituição de seus descendentes na ideia de identidade nacional começou bem antes da entrada de imigrantes japoneses no Brasil para trabalhar nos cafezais. Para isso ocorrer, houve vários embates e discussões principalmente por causa da ideologia eugênica da época. Como afirma Seyferth (2002) a imigração de europeus representava um amplo processo civilizatório, já que os “brancos” eram considerados como raça superior e o branqueamento do Brasil era necessário para os avanços socioeconômicos. Entretanto, os “amarelos” eram vistos como raça inferior o que retardaria o processo socioeconômico do país. Como reforça Sasaki (2006, p. 100): “era um período em que a elite brasileira estava preocupada em construir uma nação, com anseios eugênicos”.

Enquanto a sociedade brasileira não percebe o descendente de japonês como brasileiro, a própria colônia japonesa no Brasil reforça esse fato já que, segundo Oliveira (1997), é frequente os descendentes japoneses chamarem os não descendentes de *gaijin*<sup>6</sup>, sendo utilizada esta categoria para a identidade brasileira, principalmente para enfatizar aspectos negativos como malandragem, preguiça etc. Porém, quando chegam ao Japão, eles se tornam os *gaijin* pois assim são vistos pelos japoneses, gerando-se a discriminação. Essa “inversão” pode ser bem conflituosa para os nipo-brasileiros e “[...] a ilusão de ser japonês é desfeita” (OLIVEIRA A., 1997, 135).

As pesquisas realizadas com *dekasseguis* que retornaram ao Brasil salientam que no Japão eles eram tratados como estrangeiros – “os outros”, como afirmam Beltrão e Sugahara (2006), os *dekasseguis* saem do Brasil como “japoneses” e a partir dos conflitos que vivenciam no contato com os japoneses percebem o distanciamento dos aspectos culturais, a rejeição por

---

<sup>6</sup> Palavra da língua japonesa para denominar estrangeiro, às vezes tem tom pejorativo.

parte da sociedade japonesa e o reconhecimento de outros nipo-brasileiros que lá residem como sendo “um deles”, um “brasileiro”. Entretanto, essa transição, pode ser para alguns, vivenciada como problema.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os nipo-brasileiros acabam vivenciando uma identidade ambígua tanto no Brasil quanto no Japão. A percepção ou a construção de uma identidade brasileira pelos *dekasseguis* se apresenta no quadro de migração, pois chegando ao Japão se deparam com a língua e outros aspectos culturais bem diferentes. Mesmo tendo os traços fenotípicos iguais, os japoneses apontam os *dekasseguis* como estrangeiros e brasileiros. (RIBEIRO, 1993)

Contudo, em sua pesquisa de campo com *dekasseguis* retornados do Japão, Adriana Oliveira (1997) comenta que os primeiros elementos que são percebidos em contraste com a cultura japonesa é a língua – a maioria dos *dekasseguis* tem como língua materna o português; os hábitos alimentares – pratos cotidianos do Brasil como arroz, feijão, salada e bife são associados pelos *dekasseguis* aos pratos “típicos no Brasil”; vestuário – especialmente a calça jeans; hábitos cotidianos e relacionamentos pessoais, como andar de mãos dadas, cumprimentar com beijos na face, beijos públicos entre casais e higiene do corpo, são aspectos que eles percebem como uma marca da presença brasileira e de que não são japoneses.

Esses elementos são como Roberto Cardoso de Oliveira (2000) denomina - operadores simbólicos, características de contraste entre “nós” (neste caso os brasileiros) e “eles” (os japoneses) expressados pelo jogo de inclusão e exclusão. Constrói-se assim uma identidade contrastiva:

“[...] Implica a afirmação de *nós* diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente” (OLIVEIRA R., 1976, p. 5).

Esta afirmação de Oliveira (1976) pode ser complementada pelas teorias de Barth (2011) sobre a natureza do grupo étnico. Este autor enfatiza que os grupos étnicos não podem ser analisados ou explicados pelas suas características internas, mas pela relação que o grupo mantém com outros considerados diferentes. Isto é, as identidades dos grupos são relacionais e não essências. Assim, é preciso compreender tanto os elementos que se tornam sinais diacríticos visando à diferenciação com outros grupos, quanto os esforços na construção de uma convergência de valores e normas dentro do próprio grupo.



Barth (2011) afirma que a fronteira étnica ou identitária é um dos princípios organizacionais do grupo, que tende a limitar e/ou orientar as interações de seus membros com os membros de outro grupo. De fato, além da construção de espaços específicos para a convivência dos nipo-brasileiros no Japão, a necessidade de mandar os filhos para as escolas brasileiras, e o crescente valor atribuído ao convívio e à rede social de apoio dos membros da “comunidade brasileira” no Japão, limitam a interação com os japoneses, tornando difícil e objetivando a negação da integração.

Já para Benedict Anderson (2008), qualquer comunidade é imaginada e se distingue pelo estilo em que é imaginada. A partir dessas redes sociais os brasileiros que vivem no Japão compartilham e fortalecem a identidade que eles definem como “ser brasileiro”. Embora haja diferença entre eles há uma camaradagem que os unem por fazer parte dessa comunidade. Assim como outras comunidades, as dos *dekasseguis* “[...] ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvir falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva de comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32).

Contudo, em sua pesquisa, Adriana Oliveira (1997), aponta sobre as identificações dos *dekasseguis* com elementos que eles elegem como sendo traços de uma identidade brasileira como: o “jeitinho brasileiro”, que para eles aparece como uma capacidade de adaptar-se frente a situações adversas. Eles e os outros *dekasseguis* possuiriam capacidades de “se virarem” por serem mais espertos, por serem brasileiros e darem um “jeitinho brasileiro” para enfrentar essas situações, diversamente dos japoneses que não possuiriam agilidade frente a situações adversas.

Os *dekasseguis* também valorizam símbolos que consideram nacionais como: música - samba pagode, MPB; futebol; manifestações patrióticas - uso de bottons e camisetas com a bandeira brasileira; festas – carnaval que muitas vezes não eram manifestados quando estavam no Brasil (OLIVEIRA A., 1997). Esse modo de vida “brasileira” que os *dekasseguis* assumem e partilham como sendo características deles são o que Hobsbawn (1984, p. 10) chama de “tradições inventadas”: “[...] elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”.

E é nesse contato com os japoneses de confrontação e contraste que os *dekasseguis* elegem atributos e as fronteiras emergem, marcando o sistema social com o qual se identificam, Barth (2011, p. 195) afirma que: “[...] Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar

manifestas a pertença e a exclusão”. Para ele, a identidade étnica depende da manutenção de uma fronteira, os traços culturais que marcam a fronteira podem mudar ou se transformarem, mas precisam permanecer os limites e a dicotomização entre o “nós” e os “outros”.

Segundo Lask (2000) e Adriana Oliveira (1997) nos espaços brasileiros os *dekasseguis* afirmam e reforçam a identidade “brasileira”. Os *dekasseguis* no Japão resgatam uma brasilidade e sentimento de pertencimento a partir desses lugares, eventos e encontros com outros *dekasseguis* que muitas vezes não são vivenciados quando viviam no Brasil, já que pelos brasileiros eles eram vistos como japoneses. É no encontro dos “iguais a mim” que eles recorrem a sua brasilidade convivendo e se relacionando com outros nipo-brasileiros.

Essas manifestações em contexto de conflito podem ser comparadas na análise de Barth (2005), com a migração dos paquistaneses na Noruega, mais especificamente dos *Pathans* – um dos vários grupos étnicos do Paquistão. Esses migrantes começam a se confrontar com a sociedade norueguesa e a refletir sobre sua identidade, descartando alguns de seus valores e cultivando outros. Eles se identificam com outros paquistaneses que estão na mesma situação, mesmo sendo de etnias diferentes e no território originário mantinham relações muito conflituosas. Como os *Pathans* na Noruega, os nipo-brasileiros quando chegam ao Japão começam a reformular sua identidade, aprendem e convivem com a sociedade japonesa que tem diferenças culturais e suas experiências neste país acarreta uma mudança da própria cultura.

Como aponta Kawamura (2008b) sobre a mulher *dekassegui*, que no Brasil é educada pela família para ser submissa ao pai e ao marido, no Japão percebe o aumento de seu poder e liberdade nas relações familiares na medida em que suas atividades e seus ganhos começaram a equiparar-se com os dos homens. Assim, com a experiência vivida pelas mulheres nipo-brasileiras neste contexto de migração ao Japão, acarretaram mudanças e reflexão sobre sua identidade e reformulação da sua cultura. Segundo Hannerz (1997, p. 12): “Um aspecto fundamental dos fluxos é que eles têm direções. No caso dos fluxos de culturas, é certo que o que se ganha num lugar não necessariamente se perde na origem. Mas há uma reorganização da cultura no espaço”.

Segundo Sasaki (1998, p. 153) a identidade deve ser analisada a partir da situação que os atores sociais enfrentam e se relacionam e denomina essa relação como “jogo de diferença”. Em sua pesquisa com *dekasseguis* retornados do Japão, percebeu que eles negociam a sua identidade, elegendo aspectos de um determinado recorte se tornando uma parte maior ou um todo da identidade já que é comum relatos de que “no Brasil se sentiam japoneses e no Japão, brasileiros”.

Já para Trajano Filho (2005), os membros da comunidade participam de redes de relacionamento que vão além do país de origem e do país hospedeiro, assim eles participam tanto de redes voltadas à manutenção do grupo nas sociedades hospedeiras, à continuação dos laços com o país de origem e à manutenção de laços que transcendem os dois países.

Assim, há diferentes interpretações do pertencimento a um grupo. A identidade se torna algo fluido, usando-se diferentes categorias em contextos múltiplos e os significados podem ter diversas interpretações. Os *dekasseguis* mesmo com toda ambiguidade vivenciada antes mesmo de ir ao Japão, é lá que partilham o “ser brasileiro” e todos os significados de pertencimento a esse grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se no Brasil muitos nipo-brasileiros não tinham uma identidade brasileira bem definida ou se encontravam na ambiguidade de ser japonês e ser brasileiro ou não ser nenhum dos dois, no Japão, a construção de uma identidade diferenciadora se tornou necessária e vários fatores vêm sendo mobilizados para fortalecê-la. A identidade nacional/brasileira dos nipo-brasileiros é contruída/formulada lá no Japão, a partir do contato com os “outros” (os japoneses) que os avaliam como estrangeiros, mas também na relação com o “nós” (outros nipo-brasileiros) que residem lá e como todos os elementos que eles elegem como parte da identidade brasileira.

Para Ribeiro (1993) esses estudos sobre migração brasileira para o exterior fazem refletir e trazem respostas para a antropologia brasileira do que é ser brasileiro. E são esses nipo-brasileiros/*dekasseguis* em caráter circular, fluido, híbrido que levam/constroem/mantêm uma identidade brasileira no Japão e são eles que quando retornam ao Brasil que (re)constroem/fortalecem características da cultura japonesa moderna no país e na colônia japonesa a partir de cada contexto que é vivenciado em relação como o(s) outro(s) grupo(s) que eles se diferenciam e se aproximam, emergindo identidades múltiplas e a cultura sempre em construção.

Os trabalhos analisados nesse artigo foram realizados com *dekasseguis* que retornaram ao Brasil, especificamente para São Paulo (estado de concentração maior de nipo-brasileiros no país), o que traz por tanto, questionamentos e necessidades de estudos de como os nipo-brasileiros se relacionam com a diversidade cultural e regional que fazem parte do que é “ser brasileiro” no Brasil. Como por exemplo aqueles que retornam e vão morar em outras partes do Brasil, na região norte e nordeste que tem fluxos culturais marcante e diferentes dos fluxos



culturais de São Paulo. Locais estes onde os nipo-brasileiros que residem e não foram construídas colônias na época da imigração japonesa no Brasil, porém nos dias atuais tem associação de cultura japonesa como João Pessoa na Paraíba. Ou ainda estudos sobre dekasseguis retornados que residem em locais que não tem associações de cultura japonesa, mas eles residem e constituirão famílias, como o interior da Paraíba.

Assim, pesquisas sobre esse temas e outros relacionados a imigração, retorno dos brasileiros ao país são de suma importancia para o entendimento do processo identitário e da própria identidade nacional/brasileira.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, 2008.

AUGÉS, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARTH, Fredrik .Etnicidade e o conceito de cultura. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. n.19, 2º sem. P. 15-30, 2005.

\_\_\_\_\_. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelynes. **Teorias das etnicidades**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. Permanente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. **Revista Brasileira de Estudos População**, São Paulo, n. 1, p. 61-85. Jan./jun.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a05.pdf>>. Acesso: em 22 de janeiro de 2014.

\_\_\_\_\_. **O ciclo e a tangente**: dekasseguis brasileiros no Japão (questionário B) Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2009. (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciência Estatísticas, n. 27).

CARVALHO, Carlos Eduardo. As origens e a gênese do Plano Collor. **Nova Economia**, vol.16, n.1, p. 101-134, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/neco/v16n1/v16n1a0>>. Acesso em 9 de julho de 2014.

CASTRO, Marco Luiz de. O fenômeno dekassegui: os trabalhadores nikkei brasileiros no Japão. **São Paulo em perspectiva**. v. 8 n.1, p. 102-106, 1994. Disponível em: [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n01/v08n01\\_12.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n01/v08n01_12.pdf)>. Acesso em 19 de março de 2014.

CEHOAIB - Comissão de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil. **Uma epopeia moderna**: 80 anos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

DAIGO, Masao. **Pequena história da imigração japonesa no Brasil**. Tradução de Masato Ninomiya. São Paulo: Gráfica Paulos, 2008.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**. v.3, n.1, p. 7-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2454.pdf>>. Acesso em 8 de maio de 2014.

HOBSBAWM, ERIC. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

ISHI, Angelo. Reflexões sobre os 20 anos do movimento dekassegui: a perspectiva de um brasileiro radicado no Japão. In: FUNDAÇÃO ALEXANDE DE GUSMÃO. **20 anos dos brasileiros no Japão**. Brasília: FUNAG, 2010.

ISHITANI, Cecilia Kiku. Ensaio sobre a herança cultural japonesa incorporada à sociedade brasileira. In: FUNDAÇÃO ALEXANDE DE GUSMÃO. **Ensaio sobre a herança cultural japonesa à sociedade brasileira**. Brasília: FUNAG, 2008.

KAWAMURA, Lili. Brasileiros no Japão: direitos e cidadania. Congresso Internacional de Direito da Universidade São Judas Tadeu. **Anais...** São Paulo: USJT, 2010. Disponível em: <[http://www.usjt.br/cursos/direito/arquivos/anais\\_congresso\\_2010.pdf](http://www.usjt.br/cursos/direito/arquivos/anais_congresso_2010.pdf)>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. Redes sociais e culturais entre o Brasil e Japão na migração internacional de brasileiros. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais - ANPOCS, 32. Caxambu: **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2008a. Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=2538Itemid=230](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2538Itemid=230)>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

\_\_\_\_\_. Família, mulher e cultura. In: **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil** /IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2008b.

LASK, Tomke. Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 6, n.14, p.71-92, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a04.pdf>>. Acesso em 24 de maio de 2014.

NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha. **De volta para casa: um estudo sobre brasileiras e brasileiros retornados do Japão**. São Paulo, 2012. 195f. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

NINOMIYA, Masato. O tradicional e o moderno na educação dos filhos de imigrantes japoneses. In: **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil** /IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. – Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

OLIVEIRA, Adriana Capuano de. **Japoneses no Brasil ou brasileiro no Japão: A trajetória de uma identidade em contexto migratório** Campinas, 1997. 207f. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade étnica, identificação e manipulação. In: \_\_\_\_ **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976, p. 1-31.

\_\_\_\_\_. Os (des)caminhos da identidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 15, n 42, Fevereiro de 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>>. Acesso em 24 de maio de 2014.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelynes. **Teorias das etnicidades**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Ser e não ser: explorando fragmentos e paradoxos das fronteiras da cultura. **Revista Série Antropologia**, n. 141, Brasília, 1993. Disponível em: <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie141empdf.pdf>>. Acesso em 9 de julho de 2014.

\_\_\_\_\_. Identidade brasileira no espelho interétnico. Essencialismos e hibridismos em San Francisco. **Revista Série Antropologia**, n. 241, Brasília, 1998. Disponível em: <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie241empdf.pdf>>. Acesso em 9 de julho de 2014.

ROSSINI, Rosa Ester. O Brasil no Japão: a conquista do espaço dos *nikkeis* do Brasil no Japão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP, 14, Caxambu. **Anais...Belo Horizonte**: ABEP, 2004. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_279.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_279.pdf). Acesso em 8 de maio de 2014.

SASAKI, Elisa Massae. **O jogo da diferença**: a experiência identitária no movimento de kassegui. Campinas, 1998. 221f. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_\_\_. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 20, n. 57 p. 99-117, 2006. Disponível em : <<http://www.sciello.br/pdf/ea/v20n57/a09v2057.pdf>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2014.

\_\_\_\_\_. Brasileiros no Japão. In: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. **Brasileiros no mundo**: I Conferência Brasileiros no Mundo. Brasília: FUNAG, 2008. Disponível em: [http://funag.gov.br/loja/download/455-Brasileiros no Mundo - Textos Academicos Vol I.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/455-Brasileiros_no_Mundo_-_Textos_Academicos_Vol_I.pdf). Acesso em: 13 de fevereiro de 2014.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/53/12-giralda.pdf>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

SOARES, André Luis Ramos; MOTTA, Graziela da Silva. Identidades de kassegui/decasséguis: um olhar antropológico. **MÉTIS: história & cultura**, v.11, n. 22, p. 281-302, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1545/1255>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2014.

TOBA, Marcos Mauricio. O Japão de meus olhos. In.: FUNDAÇÃO ALEXANDE DE GUSMÃO. **Ensaio sobre a herança cultural japonesa à sociedade brasileira**. Brasília: FUNAG, 2008.

WOORTMANN, Ellen F. Japoneses no Brasil/brasileiros no Japão: tradição e modernidade. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v.38, n.2, p. 7-36, 1995